

A obra de Eduardo Souto Moura e a influência de Mies van der Rohe: notas a propósito da exposição "Eduardo Souto Moura — Obras e Projectos"

Rui J. G. Ramos, 1999

A obra de Eduardo Souto Moura, depois de apresentada em Mendrisio (1998), está agora disponível na exposição que se realiza na Câmara Municipal de Matosinhos.

A sua apresentação propõe-nos uma leitura diferente aquilo que normalmente são as exposições de arquitectura. Organizada em cinco temas de projecto, pretende dar-nos uma leitura muito próxima daquilo que é o ofício de Souto Moura. Qualquer visitante não pode ficar indiferente perante as maquetas em madeira dos trabalhos, as fotografias ampliadas dos materiais ou ainda sobre o impressionante volume, com centenas de desenhos, do projecto de execução da torre do Burgo. Estamos presente um excepcional trabalho de análise e comunicação, que nos dá uma leitura primordial do projecto e da obra de Eduardo Souto Moura, salientando os principais aspectos da sua narrativa. A exposição conclui, com o tema Demolição/Reconstrução, apresentando dois projectos: o mercado de Braga e sua sucessiva reconversão (1980-1984/1996) e a recente obra de reconversão do convento, em ruínas, de Santa Maria do Bouro, em pousada.

Os temas que organizam a exposição são retomados e cuidadosamente detalhados na excelente publicação que a acompanha. Num desses artigos, "Vous ne saurez rien" de Marie Clement¹, a autora introduz, num notável estudo, diversas possibilidades de interpretação da arquitectura de Souto Moura, que se reúnem como um conjunto essencial para o entendimento actual da personagem e da sua obra.

¹ CLEMENT, Marie, " «Vous ne saurez rien» ", in Laura Peretti, *Eduardo Souto de Moura. Temi di progetti*, Skira, Milão, 1998. Editado aquando da realização da exposição "Temi di progetti" em Mendrisio (1998), dedicada à obra do arquitecto Eduardo Souto Moura.

Na procura dos inícios, Marie Clement atribui à participação de Souto Moura em 1979 no concurso para a Casa de Karl Friedrich Schinkel² o sinal da importância do classicismo na sua posterior obra. Com a realização deste concurso no início da sua actividade profissional³, sobre um tema dedicado a um personagem chave do período clássico, Marie Clement pretende identificar o princípio de uma cadeia de influência da tradição clássica na sua obra, veiculada através da figura de Friedrich Schinkel (1781-1841) e de Mies van der Rohe (1886-1969).

A personagem de Schinkel é referida por Souto Moura como *chave do movimento moderno e como chave para o classicismo*, assinalando assim, segundo Marie Clement, o surgimento dessa influência clássica na sua obra e estimulando a articulação de três componentes essenciais no seu entendimento: classicismo, Mies e movimento moderno.

A tradição da crítica atribui a Mies uma directa influência da arquitectura clássica, e em particular da obra de Schinkel, contudo não é clara, na hipótese de Marie Clement, qual a relação entre a gramática clássica e a obra de Souto Moura e qual o vínculo que a pode ligar a Mies van der Rohe.

Sendo a influência de Mies na obra de Souto Moura iniludível, parece-nos contudo insuficiente a persistência de um vínculo de tradição clássica entre as suas obras.

Ignasi de Solà-Morales em "Mies van der Rohe y el Minimalismo" questiona precisamente esta relação, normalmente estabelecida pela crítica, da obra de Mies com a tradição clássica. Desta forma refere: *"a obra de Mies não nasce da recriação de uma natureza permanente e transhistórica baseada nas ordens clássicas e na sua gramática. (...) Em Mies não existe a referência à totalidade do cosmos com que a arte clássica construía o sentido, as ordens, os tipos, as proporções, a*

² Concurso para "A house for Karl Friedrich Schinkel", Leça da Palmeira, 1979.

³ Em 1979 realiza também o projecto para o Monumento ao General Humberto Delgado e o projecto de decoração e mobiliário para um quarto (onde encontramos o desenho de uma coluna partida). No mesmo ano Eduardo Souto Moura termina a sua colaboração no escritório de Álvaro Siza, iniciada em 1974 e no ano seguinte conclui o curso de arquitectura da ESBAP.

perspectiva. Não tem sentido, portanto designar Mies como o último classicista."⁴

Segundo Solà-Morales, a obra de Mies tem o seu início nos materiais com que estão construídos os objectos, os edifícios. Matéria consistente, sólida, lisa, polida. Sujeita à gravidade, tem peso, sofre tensões, tem resistência e fragilidade. Matéria que tem de responder a problemas de iluminação, de ventilação, de protecção, para que os edifícios respondam ao uso a que estão destinados.

"Toda a enorme carga de inovação miesiana não procede da imitação nem do discurso abstracto sobre conceitos de espaço, luz ou território. Em Mies as realidades físicas são desde o princípio o material para a obra de arquitectura (...)"⁵.

A matéria, no sentido físico, da qual a arquitectura é construída parece-nos ser a chave da leitura da obra de Souto Moura, e através dela podemos registar a mesma obsessão, tal como em Mies, pela construção e pelo rigor do uso dos materiais.

A influência da obra de Mies na produção do Souto Moura é conduzida, pela importância da matéria como realidade palpável que constrói a arquitectura, e não pela via, inicialmente sugerida, de uma percussão da gramática clássica na sua obra ou na sua formação.

É exactamente na exaustiva elaboração e reelaboração do processo construtivo, dos pormenores que ligam, separam ou ocultam materiais, que a obra de Souto Moura se manifesta com maior radicalidade.

A proposta de Marie Clement, para a leitura da obra de Souto Moura, refere também aquilo que designa como o "grau zero da disciplina", marcada pela simultânea negação e afirmação da matéria na sua obra, da qual Santa Maria do Bouro⁶ constitui um paradigma. Aqui a evidência é ilustrada, *"toda a ruína surge como se não fosse reabilitada mas*

⁴ SOLÀ-MORALES, Ignasi de, "Mies van der Rohe y el Minimalismo", (1994), *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea*, Gustavo Gili, Barcelona, 1995, p.31-32

⁵ Idib., p.33

⁶ Reconversão em pousada do convento de Santa Maria do Bouro (com Humberto Vieira, 1989-1997)

simplesmente habitada"⁷. Esta obra é o resultado do trabalho exaustivo de apagar a matéria e ponderar a sua revelação, significado e tempo, numa procura que tende a *anular a arquitectura*, apagando os sinais da sua presença.

O trabalho sobre o Convento de Santa Maria do Bouro permite também recolocar a questão sobre as concepções actuais de património. A manutenção aparente da ruína, através da sua reconquista para outro tempo, para outro uso e outra circunstância, permite-lhe a mudança mais radical no edifício e nesse sentido, Souto Moura não trata de *"recuperar o que é irrecuperável: o passado."*⁸ A sua obra revela assim um interesse pela continuidade, como elemento estruturante da sua visão crítica sobre a história e a arquitectura moderna.

Mies van der Rohe é assim um dos contaminantes de Souto Moura, entre outros por ele citados, tal como Donald Jud, Bernardo Soares, Roland Barthes, Tapies ou Beuys e não um vínculo estrito de influência clássica.

A obra de Souto Moura relaciona-se sistematicamente com um trabalho sobre pares antitéticos ligados à matéria: mostrar e ocultar, opaco e transparente, liso e rugoso, natural e industrial. E é nesta relação com a matéria, objecto central de experimentação, acrescentada cuidadosamente ao seu *espólio*, obra após obra, que encontramos uma do valores mais significativos da sua arquitectura. É através da matéria como essência da arquitectura, ou da arte de construir, que a sua obra interpreta a tradição, no sentido que lhe é atribuída por T. S. Eliot, como condição intrínseca para a invenção do novo.

Em Santa Maria do Bouro, encontramos de forma paradigmática esta condição.

Contudo nesta obra, construída para habitar uma ruína, perspectiva-se uma mudança na percepção da matéria e da arquitectura relativamente a

⁷ CLEMENT, Marie, op. cit., p.15

⁸ COSTA, Alexandre Alves, "O Património e o futuro", (1996), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 38, 3/4, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1998, p.112

obras anteriores. Os materiais adquirem um traço expressionista, já não limitado ao tratamento exuberante do detalhe da transição, da junta ou separação.

Reboco, pedra, metal, madeira, terra, pavimentos, muros, tectos, janelas⁹, cobertura, luz, cor, uso, paisagem, relevo, território,... são agora materiais retomados de feição inovadora na narrativa de Souto Moura. O sentido expressivo do material ganha a dimensão da totalidade da obra, incluída num amplo gesto edificador, num processo inclusivo de diferentes perspectivas e configurações, reforçando agora a ideia de um espaço complexo e denso.

As obras que se seguem, como a Casa de Tavira (1991) e a Casa da Serra da Arrábida (1994), confirmam este sinal. O caderno sépia dedicado á casa da Arrábida, apresentado no tema Imaginário/Imaginação da exposição patente em Matosinhos, revela-nos, se olharmos mais de perto, este secreto metamorfismo, a existência de *outras* soluções, de *outros* materiais, *"numa complexa multiplicidade oculta, atrás de uma imagem aparentemente simples e unitária"*¹⁰.

Publicado com o título "A matéria da arquitectura" no Expresso [Cartaz] 99.06.26, p.26

⁹ Agora com janelas no sentido tradicional. Sobre este assunto ver texto que integra o guia da exposição apresentada na Galeria Nave nos Paços do Concelho de Matosinhos. SALGADO, José, "Eduardo Souto Moura em Matosinhos", Matosinhos, 1999

¹⁰ PERETTI, Laura, "Matter", in Laura Peretti, *Eduardo Souto de Moura. Temi di progetti*, Skira, Milão, 1998, p.106